

ELEIÇÕES EM UM REGIME AUTORITÁRIO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 16.11.1982

As eleições de ontem foram certamente muito importantes no lento e difícil caminho em direção à democracia. Ao escrever este artigo não foram ainda abertas as urnas. Mas hoje provavelmente já estaremos vendo a vitória da oposição democrática em muitos estados.

É oportuno, entretanto, neste momento, salientar, primeiro, que é preciso não confundir eleições com democracia, e segundo, que as eleições que acabaram de ser realizadas estiveram longe de serem democráticas.

As eleições são uma condição essencial da democracia, mas em hipótese alguma identificam-se com a democracia. Os eleitores podem constituir uma maioria autoritária que mantém leis que violentam a liberdade e a igualdade dos cidadãos. Enquanto, por exemplo, existirem no Brasil leis como a Lei de Segurança Nacional, a Lei Falcão, a desproporcionalidade do número de mandatos na Câmara dos Deputados, a Lei que estabelece o colégio eleitoral para a escolha do Presidente da República, e a vinculação de votos a um partido, não teremos democracia formal neste país. Muito menos democracia substantiva, na qual todos não são apenas iguais formalmente mas substantivamente perante a lei.

Mas é preciso também salientar que as eleições que acabaram de ser realizadas definitivamente não foram democráticas. E não o foram porque o regime em que vivemos e o Governo que nele existe são intrinsecamente autoritários.

Porque, então, realizam-se eleições? Pela simples razão que muitos regimes autoritários utilizam de certos instrumentos democráticos como as eleições para tentar se legitimar. A democracia, para eles, não é um valor político fundamental, inalienável. É meramente um instrumento de legitimação do próprio poder.

Nestas circunstâncias, as eleições ocorrem. Mas sofrem violências de toda a natureza. Como acaba de ocorrer no Brasil. Os partidos de oposição são proibidos de fazer coligações, o rádio e a televisão não são franqueados aos partidos políticos, o partido do Governo, apoiado na máquina do Estado e no apoio financeiro da classe dominante faz gastos publicitários escandalosos.

O caminho no sentido da democracia, neste país, é, portanto longo. A “abertura” conduzida pelo Governo tem sido muito mais uma forma de retardar a redemocratização, do que uma maneira de promovê-la. Diante da pressão da sociedade, que percebe cada vez com mais clareza que a democracia, apesar de todas as suas dificuldades, é um bem supremo, o regime autoritário vai cedendo. Devagar. A contragosto. Mas cede porque não há outra alternativa. Apesar de todas as limitações que lhe foram impostas, as eleições ontem realizadas deixarão este fato mais uma vez muito claro.(16/11)